

A resiliência do agroecossistema familiar de Dudinha e Ana no Alto Sertão Sergipano



Localizado no povoado Lagoa do Farias, no município de Monte Alegre de Sergipe, vive o casal de agricultores José de Jesus Barreto, mais conhecido por Dudinha (59 anos), e Ana Cristina Aragão (46 anos). Há 31 anos, eles se estabeleceram na propriedade e, desde então, se dedicam à agricultura. Mantêm viva uma tradição herdada dos pais: plantar os roçados no dia 19 de março, data dedicada a São José, padroeiro dos agricultores e símbolo da chegada das chuvas e do início da colheita.

Há 17 anos, Dudinha se afastou das atividades da roça devido a um problema de saúde que o impediu de continuar com esse cotidiano. Apesar de enfrentar limitações após uma cirurgia realizada em 2022, Ana assumiu as tarefas agrícolas cuidando tanto do quintal produtivo quanto da criação de pequenos animais. Em 21 tarefas de terra, a família cultiva palma, fava, feijão de corda, abóbora, quiabo e duas variedades de milho crioulo: o milho catingueiro, que é produzido há 14 anos, e o milho roxinho. Na criação animal, eles mantêm galinhas caipiras e de granja, destinadas ao consumo e à venda no povoado; suínos, que são criados exclusivamente para a venda; e vacas leiteiras, cuja produção é voltada para o consumo e a venda das novilhas. A renda familiar provém integralmente da agricultura e da criação animal.

Um dos grandes desafios que a família enfrenta é a proximidade com áreas de produção do agronegócio, nas quais se utilizam agrotóxicos por meio de pulverização aérea. Mesmo que aplicados fora do agroecossistema da família, os agrotóxicos atingem a produção via ar. Dudinha conta que: **"antes do pacote tecnológico chegar no campo, existiam mutirões entre os agricultores, onde todos se ajudavam com trocas de trabalho nas roças uns dos outros. Teve época em que eu conseguia vender três carradas de milho por ano. Mas isso se perdeu com a chegada do agronegócio, e até a venda de feijão nas feiras, que era comum, não vemos mais"**. O advento do pacote tecnológico na agricultura gerou uma dependência dos agricultores em relação a sementes, máquinas e adubos químicos. Esse modelo de produção contribuiu para a perda do trabalho coletivo no meio rural.

A família foi beneficiada em 2006 com a chegada do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), por meio da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). Dois anos depois, foram contemplados com a cisterna-calçadão, via o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). A implementação dessa segunda tecnologia trouxe grandes melhorias ao agroecossistema familiar, que anteriormente demandava muita mão de obra familiar para buscar água nas fontes de duas a três vezes por dia. A cisterna-calçadão tem um impacto ambiental positivo ao possibilitar a produção de alimentos saudáveis. Desde então a família pôde cultivar tomate, pimentão, cebolinha, coentro, macaxeira, entre outros, direcionando a produção tanto para o consumo próprio quanto para a venda no povoado. Em um sistema agroecológico, a cisterna oferece uma fonte de água para irrigação de pequenas produções e hortas, e é planejada para promover práticas agrícolas mais saudáveis e ecológicas, sem o uso de agrotóxicos.



Subsistemas do agroecossistema da família

Atualmente, o quintal produtivo da família inclui plantas medicinais, como capim santo, alfavaca, babosa e hortelã, além de frutíferas como abacaxi, acerola, mamão, maracujá, manga, banana, pinha e goiaba. Eles também cultivam hortaliças, como couve, tomate e pimentão, para o consumo familiar. No entanto, devido à falta de água que afeta a região do Alto Sertão Sergipano, a família não dispõe da mesma quantidade de água que no inverno, tendo que comprar água ou esperar pelo abastecimento da prefeitura e do exército. Isso resultou na redução da produção de hortaliças. Uma das perspectivas da família é a instalação de uma rede de água encanada no povoado, que ainda não possui esse recurso essencial.

O casal continua a aprimorar seu agroecossistema fundamentado em saberes tradicionais. Apesar dos desafios impostos pela escassez de água, eles gestionam cuidadosamente suas cisternas, preservam sementes crioulas, cultivam plantas medicinais, cuidam dos animais e, acima de tudo, mantêm uma relação de cuidado e apoio mútuo, fortalecendo sua convivência e modo de vida sustentável.